



ACOMPANHAMENTO

Ir. Paulo Dullius, fsc

A forma de atuação de Deus é acompanhamento em amor, transformação no Espírito, e vida de ressuscitado¹.

Corresponsabilidade no crescimento integral e fidelidade

“Onde está teu Irmão?”

O centro precisa ser colocado fora de nós

1. Acompanhamento²: O que se pode entender

Uma das características da vida humana é a arte da convivência. De alguma forma os outros estão dentro de nós mesmos. O sucesso da convivência define nosso sentimento de sentido, de autoestima e de valorização. Os ferimentos humanos – afeição ou não, valorização ou não, aceitação ou não – nascem e se desenvolvem principalmente a partir da qualidade dos relacionamentos. As experiências de convivência estendem-se por toda a vida, com características que dependem da idade, da cultura, do contexto circundante.

Assim como nós estamos atentos ao que acontece fora de nós, também nós vemos os demais e os avaliamos. Os outros fazem a mesma coisa conosco. Além disso, somos avaliados constantemente. Desde cedo somos educados a ver, a julgar, a comparar. Por isso existe uma tendência de observar e nos interessar nos demais. A dinâmica profunda subjacente é aquela antropológica que significa um desejo e uma força de crescimento no amor, na verdade, no bem. Queremos isso para nós e, em última análise, o desejamos aos demais.

No acompanhamento, a pessoa ou o grupo são os que realizam o itinerário. Aquele que acompanha dá um suporte e se mune de conteúdos e de processos para que a pessoa ou o grupo possam realizar o que se propuseram. Isso quer dizer que

¹ Denis Edwards. **How God Acts**, Fortress Press, Minneapolis, 2010, p 51 (God’s way is revealed as that of accompaniment in love, transformation in the Spirit, and resurrection life).

² No presente texto levo em consideração muitas contribuições de pessoas e de instituições. Os leitores podem facilmente reconhecer a inspiração que vários autores apresentam ao tema, os quais valorizo, mas não citarei diretamente, o que pode ser um limite do texto, mas certamente fará fluir melhor a leitura e compreensão.

nenhum acompanhante pode substituir o acompanhado, mas facilitar-lhe o caminho. Não pode, tampouco, impor-lhe sua visão. Sua presença é positiva e é significativa enquanto mantiver e facilitar o itinerário do acompanhado. De alguma forma, precisa ter realizado já, com êxito, o seu próprio itinerário ou, ao menos estar bem encaminhado em seu itinerário. Assim, pode compreender as facilidades, as dificuldades, os momentos críticos, as forças, as fraquezas, os ideais, o contexto e também os melhores meios para o crescimento integral do acompanhado. Todo acompanhamento requer um profundo interesse, amor e respeito pela pessoa ou grupo, por sua causa assumida ou por assumir, pelo reforço e fortalecimento de seu ser enquanto processo de crescimento, enquanto itinerário realizado na paz e na alegria. Grande empatia facilita o acompanhamento. Quando se trata de um grupo que acompanha, precisa-se de uma estrutura que segue regras bem estabelecidas dentro do contexto para evitar a projeção exagerada de problemáticas pessoais. Estas problemáticas poderiam desvirtuar a finalidade das partilhas. Pela própria experiência e itinerário já realizado, aqueles – pessoa ou grupo – que realizam o acompanhamento fazem-no com alegria, com amor e zelo. Um bom acompanhamento é resultado de uma vida realizada. Pessoas demasiado frágeis, imaturas, doentes... têm dificuldade de um real acompanhamento. Este profundo cuidado, zelo e interesse pelo bem dos demais transformam o acompanhamento numa experiência humana significativa da qual todos nós precisamos.

Todos temos experiência de acompanhamento em nossa vida, sobretudo na primeira infância. De alguma maneira todos continuamos precisando dele de forma mais intensa em certos momentos da vida e em certas etapas e, de forma mais amena, em outros momentos/etapas. É por isso que o conteúdo que envolve acompanhamento convém que seja integrado em nosso cotidiano: não interpretado como consequência de imaturidades ou carências, mas como algo característico da condição humana. Aquele que acompanha precisa estar movido por um coração cheio de amor, de bem querer, de compreensão, acolhida e misericórdia. É neste sentido que se pode falar em *Cultura de Acompanhamento* para significar esta experiência como verdadeiramente comunitária e fraterna que nos caracteriza. Em outras palavras, o acompanhamento se insere no longo, árduo e perseverante processo de humanização, no sentido mais amplo do termo. Tudo o que colabora numa autêntica humanização envolve algum tipo de acompanhamento. Pessoas mais satisfeitas consigo, com suas escolhas, com sua comunicação, com sua autoestima, com os valores amplos internalizados... estas pessoas tendem a acompanhar mais os outros, sobretudo os mais frágeis e vulneráveis. Pessoas mais frustradas na vida, mais amargas em sua existência têm mais dificuldade de se decidir a acompanhar. O acompanhamento é um traço de saúde humana tanto para indivíduos quanto para grupos.

2. Aspectos históricos do acompanhamento

O acompanhamento não é uma realidade nova. Ele existe desde que existe a humanidade. Em geral consistia na vigilância, nos conselhos e nos controles mantidos pelos mais idosos sobre os mais jovens. Posteriormente ele foi mais realizado pelas pessoas com poder legítimo sobre seus súditos. Este modelo esteve misturado com controle de dominação, com cuidado objetivo, com direito de orientar decisões. Em épocas nas quais estão mais frágeis, os grupos ou as pessoas até desejam certo tipo de acompanhamento para que sejam mais fáceis o caminho e a orientação da vida. Esta forma de influência e de controle se transformou, em muitos casos, em um traço cultural com suas consequências na história das pessoas e dos grupos. Em algumas culturas a questão de gênero se transformou num dos traços dominantes de acompanhamento no que se refere à responsabilidade e também nos métodos usados pelos que o realizam e por aqueles que são destinatários do mesmo. Assim, por exemplo, numa cultura fortemente patriarcal, eram os homens, os 'anciãos' aos quais era confiado o acompanhamento. No entanto, as mulheres sempre descobriram sua forma discreta de acompanhamento, ainda que não oficializada.

Os pais acompanham os filhos. Este acompanhamento tem a característica de educação, de iniciação e introdução na sociedade. Através deste gesto querem preservar a tradição, os valores. Querem também facilitar o caminho de crescimento dos filhos, movidos por um desejo positivo de que superem os obstáculos e tenham sucesso na vida. Só pais física, psíquica ou espiritualmente doentes desistem de acompanhar seus filhos. Os educadores desempenham o mesmo papel de acompanhamento. Ainda que a tônica se concentre em conteúdos mais intelectuais, a pessoa do educador também tem sua influência nos educandos. Quantos líderes religiosos e superiores de Instituições religiosas colocam o acompanhamento como uma de suas grandes responsabilidades!

Dependendo das áreas ou aspectos humanos mais valorizados, algumas pessoas assumiram o papel de acompanhante, quase como profissionais. Mesmo que tenha uma diversidade de expressão, a maioria destas influências tem sido mais comportamental e menos motivacional. Olhava-se o comportamento e, a partir dele, se indicavam os caminhos através da aprovação ou da correção. Este esquema, mais tarde, tem se tornado predominantemente moralista. A grande área espiritual concentrou a maioria dos estudos e de práticas de acompanhamento. Apareceram o papel do diretor ou orientador espiritual, as entrevistas de prestação de contas de condutas, as partilhas nas quais se confrontavam modos de ser entre a pessoa e aquele que exercia o papel de acompanhante. Também foram muito desenvolvidas as técnicas, e cresceu o número das pessoas que fizeram e fazem da área psíquica o centro do acompanhamento em vez de ser só da área espiritual... É admirável o conhecimento que as ciências humanas desenvolveram sobre a pessoa humana, o que abre o leque de possíveis áreas que são objeto de acompanhamento, sobretudo naquilo que representam de novo, de surpresa, de imprevisível. A diversidade de

métodos, de visões das várias ciências humanas com suas respectivas práticas de ajuda, indica a complexidade desta área psíquica. Os acompanhamentos que incidem na área espiritual e psíquica têm sido, em geral, de um superior a um súdito, de alguém que sabe para alguém que está aprendendo. Também têm sido essencialmente individuais, pessoais. Decorreram retiros personalizados e técnicas terapêuticas individuais, todas formas de acompanhamento. Este conceito tem se generalizado desde um passado bastante remoto até os nossos dias.

Hoje tem-se desenvolvido muito o aspecto social decorrente da consciência mais coletiva, da compreensão das dinâmicas grupais e da valorização das interferências sociais nos comportamentos individuais. Também se questiona a capacidade objetiva de os superiores serem os únicos a saberem a verdade e a vontade de Deus para situações muito complexas pessoais e grupais. A autoridade dos especialistas está substituindo em grande parte a dos superiores legítimos.

Todos manejamos nossa vida dentro de um mundo de limites e de possibilidades. Ao mesmo tempo, capacidades objetivas ligadas ao bem e à verdade podem acontecer em qualquer pessoa que pode manifestá-las aos demais tanto em relação a si quanto em relação aos outros. Isso não significa uma desvalorização do que aconteceu no passado, mas às formas do passado se precisa acrescentar outros aspectos para que o acompanhamento seja sempre mais efetivo e eficaz. Com esta nova realidade, é preciso abrir mão de uma visão de acompanhamento que vem de uma dimensão de superior para inferior, de indicações de comportamentos, de mentalidades moralistas corretivas etc., e se precisa caminhar mais na direção de uma compreensão de acompanhamento no sentido objetivo da palavra, fundamentado na caridade. Como se verá a seguir abaixo, também se expandem o conteúdo e as áreas de acompanhamento já não apenas de uma área, especialmente a espiritual, mas será um conteúdo e um acompanhamento mais antropológico, atingindo as áreas física, psicológica, profissional, relacional, social, espiritual, cultural e outras mais.

Pela realidade passada e atual, pela constituição humana não se pode dispensar acompanhamento. Ele pode ser questionável segundo o método e o conteúdo, mas não se convém existir ou não. É impossível evitar modos de ser e de agir que indicam alguma forma de acompanhamento. Hoje há um desejo institucionalizado de acompanhamento manifestado, sobretudo, pelas gerações mais novas. O que se precisa aprimorar é a compreensão do mesmo, estendê-lo para além da área espiritual ou psíquica e, também, superar a compreensão que delega esta missão para superiores ou pessoas especializadas tão somente. Precisamos, certamente, de pessoas especializadas em acompanhamento, mas o acompanhamento não pode ser delegado a elas tão somente. Algo bem positivo consiste também em purificar o conteúdo de aspectos negativos que possivelmente se foram introduzindo ao longo da história, bem como superar a dependência em favor de uma responsabilidade pessoal e grupal, ou ainda, superar uma visão julgadora para uma de estímulo de

crescimento. Será de grande valor voltar à dinâmica humana profunda que é saudável e que se orienta para um desejo positivo em relação aos demais, sobretudo quando são frágeis ou se encontram em situações nas quais poderiam agir e viver ferindo a si mesmas e se distanciando de seu eu mais autêntico, expresso na comunidade.

Hoje, portanto, temos melhores condições de realizar um acompanhamento mais saudável, mais misericordioso, mais proativo, mais objetivo. Precisamos do pressuposto da compreensão da pessoa humana mais integral e de uma justa valorização das variáveis intervenientes no comportamento humano.

3. Benefícios do acompanhamento

Num mundo bastante marcado pelo individualismo, pela busca compensatória das frustrações passadas pessoais e coletivas, pelo aumento da consciência da liberdade e autonomia, também cresceu a busca da autossuficiência. Não se pode reduzir a realidade às mudanças culturais e históricas. A mudança de paradigma se refere também ao modo pelo qual se elaboram, refletem, decidem aspectos existenciais. A realidade social diversa hoje, a liberação pessoal, social e cultural de formas reprimidas no passado vêm acompanhadas de situações novas que requerem interdependência. Assim se facilita o processo de crescimento e se evita novos 'ferimentos' que nas gerações subseqüentes deixam insatisfações, frustrações e tendências compensatórias. Há conteúdos que se inscrevem na realidade humana, para além das oscilações culturais e históricas. Um destes conteúdos é o acompanhamento. Pode variar muito a forma e as motivações pessoais e sociais, mas não é possível evitar toda forma de acompanhamento.

O equilíbrio pessoal e social depende em grande parte da vigilância sobre a realidade, da vigilância sobre a forma pela qual as pessoas e os grupos conseguem viver, sem exagerado desgaste de energia. Esta vigilância ampla é a forma de acompanhamento. Onde melhor acontece esta vigilância mais benefícios as pessoas e os grupos tiram, já que há pessoas, grupos, estruturas que acompanham todas as expressões humanas provindas de seu interior e de seu exterior.

Precisamos reconhecer a maravilha de tantas pessoas que fraternalmente acompanharam outros mais frágeis e mesmo estruturas que, sem a mediação de algum tipo de acompanhamento, teriam dificultado mais sua vida. Quantos processos educativos deixaram suas marcas positivas na humanidade! Quantos bons testemunhos continuam indicando caminhos! Um acompanhamento bem realizado beneficia a todos os nele envolvidos. Quanta gratidão temos a Jesus Cristo por ter acompanhado o povo que acorria a ele, por ter acompanhado os apóstolos em seu processo de passar de meros discípulos a apóstolos, por ter estendido seu cuidado a tantas situações diferentes a ponto de curar as pessoas! Quanto foi importante a presença repetida de São Paulo às comunidades primitivas seja através de sua pessoa, ou de alguém que ele delegava e recebia uma ordem para tal, e/ou escrevendo-lhes cartas! Como foi importante o acompanhamento de Deus ao seu

povo, especialmente após a morte e ressurreição de Jesus Cristo, enviando-lhe o Espírito Santo! Como foi significativa a presença da Igreja junto aos mártires, aos missionários, aos pobres, aos doentes, aos necessitados! Como é consoladora a ‘comunhão dos santos’, a unidade entre todos os cristãos! Como foram importantes orientações dadas por Superiores Religiosos, por Capítulos Gerais! Como foram importantes as visitas pastorais.

Todos desejamos, de alguma forma, sermos acompanhados, especialmente em momentos ou situações delicadas. Constatamos também acompanhamentos malsucedidos ou desvirtuados do verdadeiro zelo, cuidado, ajuda. Houve casos de desinteresse, de abuso do poder, de dependência, de impedimento de desenvolvimento da personalidade, da missão... Mas isso não nos pode abalar nem nos fazer ignorar tanto bem realizado pela presença fraterna, amiga, solidária e profundamente solícita e atenta.

Independentemente do estilo histórico de acompanhamento, precisamos reconhecer os benefícios do mesmo. Isso também se aplica às instituições religiosas. Sabemos do zelo com o qual os fundadores acompanharam seus primeiros seguidores na fidelidade à obra que é de Deus. Este acompanhamento facilitou a identidade institucional e deu segurança afetiva e espiritual a todos. A fidelidade ao carisma, a contínua dinamização do itinerário pessoal e comunitário são formas pelas quais as instituições descobriram um modo saudável de acompanhamento.

4. Conteúdos antropológicos como expressão da vida e acompanhamento

Num passado não muito remoto o acompanhamento tinha suas áreas bem definidas. Era inspirado nos ‘sábios’ que cada cultura privilegiou para garantir os processos iniciáticos. Além de garantirem a fidelidade aos tabus, esses ‘sábios’ embrenharam-se nos segredos das divindades e os referiram aos seres humanos. Dentro do cristianismo também algumas pessoas se especializaram na compreensão do Evangelho, da vida cristã, e dos desígnios de Deus para cada pessoa e para cada grupo e comunidade. Devido a isso, o acompanhamento tem-se tornado uma forma mais espiritual de vigilância sobre pessoas e grupos. Uma das decorrências desta vigilância espiritual foi o discernimento espiritual. O discernimento é uma forma de acompanhamento. Todos nós sabemos - uns mais, outros menos - sobre discernimento, por isso este tema pode ser desenvolvido em outro momento. O que convém resguardar é que o discernimento continua sendo um acompanhamento significativo para todos os tempos, talvez um dos mais significativos. Todos sabemos da complexidade envolvida num profundo discernimento.

Quando o cuidado e a solicitude forem uma atitude geral, uma predisposição ampla e motivadora do agir, vão se abrir a outras áreas da vida humana e não apenas ou predominantemente à área espiritual e das opções de estado de vida. Os pais concentram seu cuidado no corpo e no afeto da criança. Os educadores já olham mais a aprendizagem, a integração grupal. Diretores espirituais estarão

atentos ao itinerário de fé, às motivações e à fidelidade a Deus. Médicos procuram zelar pela saúde. E assim se poderia continuar esta discriminação, esta distinção.

Se o acompanhamento é uma forma fraterna de presença, um cuidado, uma solicitude... ele precisa ser estendido a qualquer área da vida humana, para qualquer idade ou circunstância. Partindo do princípio que a vida é um itinerário, e neste itinerário a pessoa e os grupos vão se defrontar com situações novas, algumas mais familiares outras menos, algumas mais simples e outras mais complexas e diferentes. É neste sentido que – pessoas, grupos, instituições – podem beneficiar-se de um acompanhamento para manter e fortalecer a orientação para o bem, para a verdade, para o belo e para o amor.

Um bom acompanhamento incluirá uma diversidade de aspectos humanos. O corpo tem sua dinâmica, suas leis que precisam ser conhecidas, cultivadas, respeitadas, integradas. Também precisamos considerar o corpo dos outros e os valores sociais ligados a ele. Temos a realidade material que requer integração harmoniosa dentro do projeto geral da vida e da finalidade original pela qual existem. O uso e abuso não podem ser indiscriminados.

Nossa constituição humana inclui uma área que podemos denominar dimensão psíquica. A ela pertencem o afeto, a inteligência e a vontade e a sociabilidade com todas as suas diversas potencialidades. Nosso afeto precisa ser desenvolvido, e de forma ilimitada, mas a serviço do amor. Nossa inteligência tem possibilidades imensas, mas precisa servir ao ser humano para compreender a si, ao outro, a Deus, ao universo. A inteligência precisa ter presente, sobretudo, as dimensões ligadas à vida, à comunicação, ao amor, à fé e a Deus. Nossa vontade conclui nossas elaborações afetivas e intelectuais e as transforma em decisões. Decisões melhores são as que favorecem o bem do conjunto da pessoa e dos grupos, que solidificam as opções da missão e a fidelidade a promessas realizadas com responsabilidade. Todo processo de socialização, de comunicação, de autoestima e autor respeito é uma aprendizagem que se realiza com possíveis riscos. Os modos desta aprendizagem através de indicação, identificação e imitação³ são forma de acompanhamento, e seu sucesso ou êxito depende da qualidade e da metodologia de quem acompanha e das condições de quem é acompanhado. De alguma forma o acompanhamento tem presente estas dinâmicas das potencialidades e seu desenvolvimento integral na vida pessoal, grupal e institucional.

A dimensão espiritual é uma constituição humana. Existe como constituição mas precisa se desenvolver dentro da autenticidade de sua existência. Como se refere ao conjunto da vida, concretizamo-la pelo cultivo da vida, pelos valores transcendentes, pelas opções existenciais, pelas associações de estado de vida, pelo relacionamento com Deus, pelo sentido geral da vida. É uma dimensão mais geral e

³ Francesco Alberoni chama a atenção aos processos de aprendizagem ligados à indicação e à identificação por parte dos outros em relação a nós e nós o passamos aos demais. René Girard fala da imitação positiva e negativa.

isso explica porque tantos grupos se interessam por ela, especialmente grupos ideológicos e religiosos. Há os que utilizam a religião para libertar a pessoa de consequências imaturas em qualquer área humana para estar mais livre para servir na gratuidade. As religiões tendem a especificar a vontade de Deus para as pessoas, para os grupos e para as instituições as mais diversas. Todos sabemos da dimensão humana das religiões e de seu esforço de se aproximar do Deus espiritual, aquele que está para além das antropomorfizações. O itinerário espiritual é um dos mais complexos na vida. Por isso é o que recebeu e recebe atenção especial de acompanhamento. A simplificação da vida humana pode afastar as pessoas e os grupos da verdade inerente no ser e no agir humanos.

Qualquer área humana, como já afirmamos, é passível de acompanhamento. Em qualquer área é-se beneficiado com os cuidados e solitudes daqueles que nos rodeiam e nos ajudam no discernimento, nas opções mais saudáveis. O que precisa caracterizar este acompanhamento é o amor casto e respeitoso vivido pela pessoa no celibato ou no matrimônio; amor casto e respeitoso vivido na pobreza, no uso das realidades materiais próprias (corpo e bens) e as dos demais; amor casto e respeitoso vivido no crescimento pessoal, na comunidade, na obediência, nos relacionamentos, no cumprimento da vontade de Deus, na fidelidade ao carisma e à missão; vivido nas dinâmicas sociais e novos sinais dos tempos e do desenvolvimento mundo. Este cuidado é uma atitude que pode ser temporária ou pode também transformar o tempo como sendo tempo de cuidado. Precisamos de ambas.

5. Quem faz o acompanhamento: pessoas, comunidade...

Se num tempo o acompanhamento esteve confiado a algumas pessoas específicas, hoje vamos apoiando a consciência de corresponsabilidade no processo de humanização. E o acompanhamento se transforma numa realidade social. Ninguém pode dizer que ‘não tem nada a ver com seu irmão’, pois de alguma forma interferimos nos demais. Com os conhecimentos que hoje temos do consciente e, sobretudo, do inconsciente, é impossível não ‘entrar’ na vida dos outros. Não é possível fazer uma barreira intransponível. Nossa qualidade de ser e nossas intencionalidades são captadas pelos demais. Não há neutralidade nestes processos humanos: ou são de qualidade positiva ou podem predispor para regressão e dispersão.

Quem seria o responsável pelo acompanhamento? A resposta não pode ser estreita, mas ampla, ou seja, todos somos responsáveis dentro de uma diversidade de formas. Existe uma inter-relação humana constante que, de alguma forma e em alguns casos, assume a característica de acompanhamento. O primeiro sujeito do acompanhamento é a própria pessoa em relação a si mesma, a seu projeto existencial, à responsabilidade por seu desenvolvimento, pelo desenvolvimento de suas potencialidades, por seus acertos, por suas opções. O Evangelho recorda que – no caso de um talento, e este enterrado – ninguém pode delegar a sua identidade e responsabilidade a outros, e ainda projetar para fora as responsabilidades. Na parte

livre que nos caracteriza, somos nós aqueles que escolhem entre as melhores oportunidades de crescimento, de estima, de respeito, de valorização. Não podemos padronizar formas imaturas que incluem delegar a responsabilidade a outrem quando cabem a nós. Ninguém pode, com fundamento, culpar o destino ou os outros pela própria situação atual. Podemos crescer para a liberdade ou para uma menor liberdade, dependendo de opções que fazemos. Cada qual assumiu compromissos em relação a si: a vida, a opção de gênero, o estado de vida, os valores e instituições identitárias. Diante de uma infinidade de alternativas, cada pessoa vive seu projeto e seu itinerário com autonomia e compromisso. Esta vigilância caritativa sobre si mesmo é uma forma muito saudável de acompanhamento.

Assim como assumimos que pais têm maior responsabilidade em relação aos filhos do que os vizinhos, do que estranhos, da mesma maneira há pessoas significativas, muitas delas com autoridade legítima, às quais são conferidos um 'direito' e um papel de acompanhamento. Historicamente considerando são as pessoas de autoridade e de poder que mais desempenharam este papel. Muitas delas se arrogaram o direito de distinguir o certo e o errado, passando a imagem de que eles próprios eram os mais perfeitos. Isso os levou a desenvolver um grande espírito de observação sobre os demais, e mesmo usar Deus em seus processos interpretativos. Por outro lado, a consciência da responsabilidade a eles confiada, levou muitos deles a aperfeiçoarem-se em observação caridosa, em fazer o seu melhor para que o caminho do acompanhado fosse sem tantos tropeços, mas sempre dentro dos desígnios de Deus. Neste sentido, um confessor acompanha aqueles que recorrem a ele; um superior – diretor, provincial, geral - acompanha aqueles que lhe são confiados; formadores acompanham aqueles que estão dentro da instituição e os que estão em processo de nela entrar; um educador acompanha seus alunos; um médico acompanha um paciente que precisa de cuidados; um terapeuta acompanha as pessoas que recorrem a ele para se conhecerem, se aceitarem, despertarem para um novo sentido de vida, e acompanha a reeducação e a estruturação de uma vida nova. Muitas vezes um coirmão, amigo acompanha outro coirmão, amigo em situações muito variadas.

Existe um terceiro grupo que faz acompanhamento. Refiro-me aos grupos, à Comunidade, à Província, ao Capítulo Provincial e Geral, à Igreja, aos grupos coetâneos... Ninguém pode 'lavar suas mãos'. De alguma forma todos somos responsáveis pela fidelidade de pessoas e de grupos, especialmente dos mais próximos. Todos somos responsáveis pelo anúncio do Evangelho, pela fidelidade ao carisma, pelo crescimento pessoal e comunitário nas várias características humanas. Munir-nos de cuidado, zelo e solicitude consiste mais numa presença vigilante, amorosa e misericordiosa, e menos num sistema de controle e de julgamento. A construção de uma autêntica comunidade é uma das melhores formas de acompanhamento, pois todos 'se alegram com os que se alegram, choram com os que choram', assumem o fardo uns dos outros. Tantas compreensões sobre a finalidade da comunidade, dos Capítulos permitem ver a grande responsabilidade de acompanhamento presentes nelas.

6. Quem recebe acompanhamento: pessoas, comunidades

Já explicitamos acima que toda pessoa se insere num grupo e lhe compete desenvolver-se a si mesma em outras características próprias do ser humano. Terá um tempo em que mais recebe dos outros e haverá tempo em que ela deverá ser presença significativa para outros. Ela – e os grupos – também se insere num mundo desconhecido, sempre novo. Em sociedades mais tradicionais, esta inserção é bastante simples e bastante previsível, tendendo à uniformidade. Contrariamente, em sociedades menos tradicionais ou em mudanças de época como a época atual, há tanta diferença entre as propostas tradicionais e os desafios atuais e futuros, que a área do desconhecido, do improvisado, do surpreendente aumenta seu leque de horizontes podendo ter seus reflexos no equilíbrio pessoal e institucional. Independentemente da boa intenção e do esforço, as fragilidades podem se manifestar mais, as ansiedades podem aparecer mais, e as resultantes regressões, fugas e compensações podem aparecer. Pode até haver uma dificuldade de levar para frente o projeto pessoal ou o do grupo com liberdade e objetividade em curto, em médio e em longo prazos. A multiplicidade de alternativas e certo nivelamento de valores aumentam a complexidade das melhores escolhas pessoais e grupais e comunitárias. Por isso, instâncias coletivas são importantes para facilitar o bem de todos os envolvidos e do próprio grupo em si.

Isso admitido, podemos assumir que a interdependência, a cooperação, a associação, a observação, a compreensão e o aprofundamento de experiências podem ser de grande valia e serem até necessários para um crescimento saudável sem os desgastes de energia em sistemas de regressão, de dúvida e de incertezas. Todos nós precisamos – como já afirmado - de alguma forma de acompanhamento porque estamos todos necessitados de alguma bússola como orientação geral ou em alguns momentos ou temas de nossa vida. Em vez de, portanto, pensar que são as crianças, os jovens, os súditos que precisam de acompanhamento, vamos assumindo que ninguém é tão autossuficiente, livre e adulto que saiba sempre a vontade de Deus para si e para os demais. Não são os superiores e as estruturas ou comunidades que são dispensados, mas todos precisamos considerar a antropologia do limite, ou seja, no abandono de uma visão perfeccionista grega para assumir a realidade humana que faz defrontar com o limite, com a fragilidade, com o mal. Jesus assumiu sua vida e sua mensagem estando no meio das pessoas, e os limites destas são-nos bem conhecidos. A limitação humana não é um mal moral, mas uma condição humana. Dentro do realismo humano todos se beneficiam da corresponsabilidade mútua, garantida a especificidade pessoal e dos grupos.

O princípio comum de acompanhamento é adaptado a cada realidade pessoal, cultural e institucional. Algumas pessoas são mais frágeis e inexperientes frente à vida, e o acompanhamento lhes pode ser muito proveitoso. Há os que adquiriram uma dinâmica pessoal de crescimento e já determinam por si processos de acompanhamento. Também há os que se consideram autossuficientes e ‘perfeitos’ e com o ‘direito’ de sentirem dispensados de acompanhamento. As sementes

que o semeador⁴ semeia e que caem no caminho duro, insensível e impenetrável, inflexível... é o primeiro obstáculo para um itinerário de crescimento. Há também pessoas e situações sociais e comunitárias que têm fortes características de superficialidade que precisam exageradamente de estímulos externos. Podemos encontrar ainda aqueles que se colocam num contexto social tão diversificado em valores e mesmo não valores e que, conseqüentemente, suas boas qualidades e boas intenções não conseguem oferecer uma identidade integral a serviço da causa do Reino. Mesmo a boa semente precisa ser cultivada em um solo que com dificuldade se mantém macio, disponível, profundo e isento de obstáculos maiores, sobretudo do contexto e da fantasia e imaginação negativas.

7. O que acompanhar

Qual seria o conteúdo e o método do acompanhamento? Em síntese: a vida humana como empenho humanizante, como vida realizada com e pelos outros, em sociedades justas⁵. A vida realizada significa ter tido êxito na vida como um todo e em muitos aspectos particulares. Para ter vida realizada deve ter tido êxito em alguma profissão socialmente valorizada. Ajuda muito também estar numa instituição na qual ele identifica seu ideal pessoal com o ideal da Instituição; onde cada pessoa e grupo encontram um respaldo para realizar seu projeto de vida que inclui os outros. A vida realizada significa também o crescimento para a vida adulta e a integração de todas as características constitutivas de pessoa. Neste processo tem um lugar especial uma interação e um compromisso grupal e comunitário. Nós vivemos com e pelos outros. Toda esta aprendizagem tem surpresas, facilidades e resistências, progressos lentos ou mais rápidos, medos e apoios. Assim mesmo, a ambigüidade social se nos oferece como desafio. O senso de justiça requer ir além do círculo dos próximos conhecidos para dar espaço e direito a todos, mesmo aos que não têm rosto, aqueles cuja dignidade precisa ter um mínimo de oportunidades.

Dito isso, e retomando aspectos já citados, o conteúdo ou o objeto do acompanhamento é a pessoa e são os grupos e as instituições naquilo que elas são em três aspectos: o que são como possibilidade e como potencialidade; o que são no presente momento, ou seja, como estão realizando as suas potencialidades; o que elas poderiam ser dentro das possibilidades existenciais. Este último aspecto inclui aquilo que a pessoa e/ou o grupo podem esperar concretamente de si, considerando sua história, seu contexto cultural, suas forças objetivas, seus valores, suas oportunidades de hoje e de amanhã.

⁴ Parábola do semeador. Cf Mt 13, 1-9.18-23.

⁵ Esta questão da vida realizada, com e pelos outros em sociedades justas constitui-se a síntese ética para Paul Ricoeur. Cf *O Si mesmo como um Outro* e *A História, a Memória, O Esquecimento*.

Podemos especificar algumas variáveis humanas as quais são objeto de consideração no acompanhamento. Acompanhamos o desenvolvimento físico, a saúde, a valorização do corpo próprio e o dos outros, respeitamos e obedecemos ao ritmo do corpo; evitamos expô-lo a perigos desnecessários e também a pouco exercício; cuidamos de uma sadia alimentação. Estamos também atentos ao desenvolvimento do afeto, às situações que poderiam ferir a autoestima e o autorrespeito; cuidamos de sadios relacionamentos com os demais, sejam eles superiores, subalternos, iguais, conhecidos ou não, próximos ou menos próximos. A questão afetiva tem seu processo de equilibrada expressão segundo a idade, o gênero, o contexto e a cultura. Uma adequada experiência afetiva faz crescer e se abrir mais e mais aos demais.

Acompanhamos também um sadio desenvolvimento da inteligência para compreender a si, aos demais, ao mundo. Nossa inteligência tem possibilidades praticamente ilimitadas. Seu desenvolvimento vai depender de oportunidades, de apoio social, de estímulos. Sempre é importante ter acesso a conteúdos bons que promovam a dignidade humana, os valores existenciais, o bem e a verdade. Isso precisa de discernimento que é facilitado num clima de acompanhamento. Algo semelhante se pode dizer da vontade: ela precisa ser exercitada para uma responsabilidade e autonomia pessoais. A vontade coroa os processos afetivos e intelectivos. Ela é tema e conteúdo de acompanhamento, evitando infantilismos e dependências ou, então, evitando decisões acima das capacidades que resultariam em sentimentos de fracasso e com prováveis reações regressivas ou infantis.

O acompanhamento valoriza a capacidade da expressão comunitária da vida, e está atento também aos conteúdos afetivos psíquicos e espirituais presentes nos votos. Na 'castidade' acompanha-se a capacidade de viver uma afetividade integrada e oblativa, com vínculos afetivos sadios. Na pobreza se está atento à liberdade frente aos bens e realidades materiais evitando compensações ou transferências projetivas que indiquem falta de liberdade diante deles, como a autonomia. Na obediência o acompanhamento se orienta para a responsabilidade e a liberdade diante da vontade de Deus discernida como pessoa e como comunidade, e a consequente capacidade de segui-la.

Outra área de acompanhamento podemos encontrar na expressão do sentido da vida. Entram nesta área as expressões espirituais e religiosas. O acompanhamento inclui temas como a fé, a prática espiritual na oração, a sensibilidade de caridade e misericórdia aos mais necessitados. Também considera a forma de viver os ideais, a dimensão de finito, a realidade do mal e da culpa própria e a dos demais; considera a capacidade da compreensão das fragilidades dos demais e os processos de reconciliação e pacificação. O acompanhamento também avalia o grau de ma-

turidade da própria experiência religiosa tanto em práticas pessoais como em expressões comunitárias.⁶ A fidelidade ao projeto existencial e ao estado de vida, os facilitadores e os obstáculos... tudo constitui-se em conteúdos do cuidado, do zelo, da solicitude, característicos do acompanhamento.

8. Acompanhamento como atitude geral e em situações e momentos específicos

Estamos considerando o acompanhamento como uma atitude cuidado e solicitude de e por todos os envolvidos. É a atitude de zelo, de atenção, de caridade, de corresponsabilidade de uns com outros. Em algumas situações específicas, este acompanhamento adquire uma qualidade mais intensa. Isso pode acontecer em determinadas fases da vida ou em experiências específicas as quais são delicadas e poderiam ocasionar ansiedades e regressões se não houver alguém 'de fora' que ajude a iluminar o momento presente e abra alternativas saudáveis de superação.

Certamente precisamos estruturar o acompanhamento como atitude de nosso dia a dia. Mas, como já dissemos, há momentos um pouco difíceis e surpreendentes na vida da pessoa e ela se beneficia mais com um acompanhamento mais focalizado, mais orientado a questões bem concretas. Recordemos novamente que aquilo que se fala em relação a pessoas, devidamente adaptado vale também para as comunidades e grupos. Há momentos e situações nas quais os grupos, as instituições, as congregações podem passar por semelhante situação.

Enquanto desenvolvimento humano, os primeiros tempos de vida – intrauterina e primeiros anos – se caracterizam por maior dependência do externo em tantos sentidos humanos. E a qualidade do acompanhamento é muito importante. A socialização fora do círculo familiar, do círculo da comunidade local, da pátria e outros, do meio universitário, da entrada na vida religiosa ou matrimonial, crises de sentido e de missão na meia idade, passagem à aposentadoria, a proximidade da morte... são situações demasiado novas que requerem um acompanhamento devido à complexidade e novidade que se apresentam. Assim também acontece nos processos de exercício da missão em lugares tão diferentes ou no processo de envelhecimento quando se aguçam sentimentos de inutilidade e solidão. Esta realidade inclui a experiência sobre o próprio físico, a forma das expressões afetivas e a integração de gênero e sexualidade.

A pessoa e os grupos podem se defrontar com situações novas de saúde ou de perda de pessoas próximas e precisam ser ajudadas a elaborar o luto, a separação. Esta mesma experiência de luto se aplica a situações e pessoas que já não estão próximas, a realidades culturais que já não são mais de hoje. Todos os processos de atualização, de readaptação diante de novos contextos sociais e religiosos podem

⁶ A Psicanálise tem questionado bastante os processos imaturos presentes nas expressões religiosas, desejando que sejam maduras. Critica formas narcisísticas, dependência materna, dependência paterna, e incentiva o abandono à vontade de Deus. Cf Carlos Dominguez Morano, in: Orar depois de Freud.

requerer um árduo itinerário de acompanhamento. Algumas vezes as situações do dia a dia podem levar a desânimos, a dúvidas sobre as decisões feitas e precisam de objetivação. Outras vezes o sentido existencial abalado pode levar a crises de fé, de confiança e de dúvida quanto à capacidade de manter a promessa e a responsabilidade frente ao vivido e sustentado. Esta dificuldade também pode provir da realidade institucional que perdeu os 'sonhos', as perspectivas, o eã fundacional.

Muitas destas situações podem ter características de surpresas ou podem ser o ponto de chegada de um processo de pequenas infidelidades que, com o tempo, comprometem e questionam o conjunto do projeto de vida assumido. As surpresas são compreendidas dentro da realidade e não podem abalar o conjunto do itinerário pessoal e grupal. O resultado insatisfatório de um itinerário precisa ser refeito para reencontrar o caminho, e evitar que a situação do momento seja a única variável interveniente para decisões para hoje e amanhã. O acompanhamento – de um especialista ou da comunidade - ajuda a iluminar os fatos e as experiências equipando pessoas e grupos com outros aspectos que possam contribuir na superação das dificuldades.

9. Obstáculos ao acompanhamento: infantilização, omissão

O acompanhamento é uma das principais características e responsabilidades da Comunidade. Numa família todos, com as devidas diferenças, acompanham os que dela participam. Basta ver como interfere na família alguém que está gravemente enfermo, que está deprimido, que é alcoolista, que sai de casa e não dá notícias sobre onde e como está, que passa por dificuldades ou falece. Muitas dessas dinâmicas decorrem da relação de sangue. Mas são apenas uma das formas de relação e de interesse. Pessoas saudáveis, instituições saudáveis fazem do acompanhamento uma de suas características. Algo semelhante se pode falar da instituição religiosa, da comunidade. Além de cuidados semelhantes aos da família, a comunidade zela pelo clima afetivo, pelas oportunidades profissionais, pelas informações, pela fidelidade ao projeto de Deus para cada um de seus membros. Zela pela qualidade da vida espiritual e do apostolado, pelo perdão, pela consciência da presença amorosa de Deus.

É muito complexo o acompanhamento. E, como tal, inclui possibilidades reais de limitação. Não se pode pedir tudo dos demais nem de si próprio. Haverá imperfeições, mas ao mesmo tempo o acompanhamento quer facilitar o crescimento integral de todos os envolvidos. Precisa evitar, portanto, dois extremos: infantilismo e omissão.

Por infantilismo se entende uma forma de pensar e considerar os demais como crianças e incapazes de gerir sua vida, precisando sempre de alguém que lhes ajude ou substitua em suas decisões. Tende-se a evitar tensões saudáveis e desafios

de crescimento. Para aqueles que coordenam grupos e instituições é mais confortável que os demais tenham pouca opinião, pouca crítica, pouca autonomia, pouca responsabilidade e liberdade. Os regimes socialistas sempre mantiveram formas infantis no modo de condução do povo. O governo é o 'bom pai' providente. Por muito tempo, as autoridades na vida religiosa e as estruturas em grande parte sustentaram esta dependência. Em alguns casos defenderam a obediência como uma virtude quando subjaziam outras motivações como a do poder e controle. Quando se quer privilegiar um tipo de valor, em geral usam-se duas estratégias: exaltar o valor e a excelência daquilo que se quer – a obediência, no caso aqui –; e desvalorizar ou criar culpas naqueles que não entram no sistema desejado. Muitas vezes, ao exaltar o lado positivo, usam-se argumentos provindos da tradição, da história, do passado e se mostram exemplos de castigos daqueles que não observaram o padrão de conduta desejado. Sabemos que é difícil encontrar uma pedagogia que delega progressivamente liberdade e autonomia e a pessoa ou grupo conseguir usar esta situação com responsabilidade proporcional à idade e à condição do momento. Os pais sabem que é mais fácil controlar crianças, mas não sabem mais tão bem quando estas crescem para a adolescência, juventude e idade adulta. Na vida religiosa às vezes custa implantar confiança e delegar autonomia adequada às pessoas envolvidas. Muitas vezes há exagerado controle em aspectos secundários em vez de haver estímulos explícitos ao crescimento. Não convém sempre racionalizar dizendo que as pessoas não são capazes. As pessoas crescem na proporção em que fazem experiências boas numa determinada idade e situação de vida, levando-as a olhar alternativas melhores para o futuro. Controles exagerados, julgamentos, pouca autonomia, conceitos de incompetência... tudo pode levar a uma forma infantilizante. Estruturas rígidas, inflexíveis, pouco criativas tendem a dar pouca chance de crescimento. Hoje todos querem participar mais das decisões, querem conhecer melhor as razões das opções, querem ser mais autônomos, mesmo que haja elementos de imaturidade nas motivações destes desejos. Muitas vezes a vida comunitária pode reforçar sistemas de infantilismo. Com o tempo se instaura insatisfação, amargura e falta de sentido na vida.

No lado oposto ao controle que não deixa crescer, podemos verificar a omissão. A omissão parte do pressuposto de que as pessoas sejam adultas e saibam o que devem ser e fazer sem precisar de orientação ou acompanhamento. Este pressuposto idealmente falando é interessante, mas a realidade humana é diferente. As pessoas se sentem 'abandonadas' a elas mesmas. Realidades novas decorrentes da idade, das circunstâncias, do contexto e do desenvolvimento humano e religioso fazem as pessoas ou os grupos se depararem com algo desconhecido e novo com o qual não desenvolveram familiaridade nem capacidade para superarem estas situações sem grande gasto de energia. Nestes casos, muitas vezes as pessoas e os grupos ativam ansiedades, inseguranças e culpas de tal forma que paralisam ou regredem para estágios anteriores de mais tranquilidade, ou entram em sistemas compensatórios de nível físico ou psíquico. Para defender uma pseudo-autonomia e para manter gratificações pessoais e comunitárias, pode-se desenvolver teorias e

práticas que acentuam a omissão. Pode-se compreender isso também como reação a uma época de excesso de controle, ativando o desejo de liberdade e autonomia.

Em vez de optar por excesso de controle ou por omissão, um bom acompanhamento avalia a conveniência ou não de ser mais diretivo ou confiar mais nas pessoas, ou ver a melhor pedagogia segundo as pessoas e as situações do momento. O resultado do infantilismo e da omissão acaba sendo mais ou menos idêntico: uma forma imatura de ser. O infantilismo, ou controle, não deixa as pessoas crescerem; a omissão permite o surgimento de situações que resultam em ansiedade, e as pessoas voltam a ser crianças imaturas. Nosso propósito é favorecer o crescimento, a integrar sua vida e oferecê-la como dom. E o fazemos associados a outros numa missão humanizante. Neste caso, uma grande atenção é dada ao conteúdo e ao método, adaptados às circunstâncias e realidades pessoais e grupais.

10. Formas e técnicas de acompanhamento – estruturas e responsabilidades

Em vez de descrever muitas técnicas especializadas de acompanhamento, podemos indicar práticas e formas que já existem e outras que possam ajudar aos demais como expressão de caridade, cuidado, acolhida, solicitude, corresponsabilidade e fidelidade às promessas feitas a si, ao grupo e a Deus.

A direção espiritual e as ciências humanas desenvolveram técnicas de acompanhamento, preservando mais a tônica individual e aspectos pontuais específicos. Estas técnicas desenvolveram metodologias muito úteis que precisam ser conhecidas também pela comunidade no que se refere às dinâmicas sociais positivas e negativas de acompanhamento. Estas metodologias precisam ser mais circunstanciais do que permanentes. Caso tenham que ser permanentes é preciso considerar a possibilidade da presença de dependência, de dominação e mesmo de incapacidade profissional por parte dos especialistas.

O acompanhamento precisa privilegiar um profundo autoconhecimento a partir das contribuições das ciências humanas – psicologia, filosofia, sociologia – e teológicas, especialmente do discernimento espiritual. Estes conhecimentos incluem um acesso consciente e inconsciente à história pessoal em seus fatos e consequentes forças, fragilidades, desejos, ideais, expectativas, visões de mundo e de Deus. Hoje fala-se deste acesso através de narrativas pessoais e culturais⁷ que ajudam a dar uma identidade e compreender o conjunto de predisposições para agir. Portanto, o acompanhamento ajuda a olhar para o passado – aspecto arqueológico – para entender o presente e projetar o futuro – aspecto teleológico.

Assim considerado, o acompanhamento inclui o conjunto da vida dos indivíduos e dos grupos. O acesso ao interior é auxiliado por leituras, reflexões, experiências, meditações, prática da Leitura Orante da Palavra. A dimensão comunitária

⁷ Temos bons exemplos de narrativa na Bíblia sobretudo rememorados por ocasião da Páscoa; também temos melhor conhecimento das narrativas – identidade narrativa – desenvolvida por Paul Ricoeur, especialmente em: *Tempo e Narrativa* e *Percurso do Reconhecimento*.

do acompanhamento se realiza em reuniões de partilha pessoal e comunitária nas quais se mantém o respeito, a autoestima, a dignidade de todos os envolvidos. Acompanhamento também de realidades novas que poderiam facilitar o crescimento ou, também, estagnar as pessoas em seu processo. Inclui também o dia a dia partilhado de todos os envolvidos.

Não se pode esquecer também as leituras de conhecimento da realidade e das pessoas com as quais convivemos. Acesso a outras fontes de conhecimento e de experiência requerem uma consciência de acompanhamento. Um destaque especial precisa ser dado às reuniões de partilha pessoal e grupal, aos profundos vínculos afetivos estabelecidos a partir dos ideais e das opções fundamentais cristãs e religiosas.

Podemos citar também a importância de dias e tempos de retiro, de recolhimento, tempos de Capítulos Provinciais e Gerais como formas institucionais de acompanhamento. O projeto comunitário contempla as formas de acompanhamento tanto para os indivíduos como também para a comunidade. Cada pessoa precisa garantir como sua a primeira responsabilidade frente a si. Depois, faz a comunidade participar de suas opções e favorece, desta forma, que a comunidade também se corresponsabilize pela fidelidade e crescimento de todos e de cada um.

O crescimento pessoal e a maturidade transformam o acompanhamento mais em partilha alegre e generosa da experiência existencial exitosa e da experiência de união com Deus no seguimento a Jesus Cristo, fruto de contínuo discernimento.

Assim como existe uma diversidade criativa de acompanhamento para cada situação da vida da pessoa e dos grupos, igualmente há especificidade em cada etapa da vida, da formação, da cultura, do contexto histórico. A institucionalização destes processos cabe a cada pessoa, mas também à comunidade, sobretudo àquelas que receberam a delegação legítima – superiores, coordenadores - de vigiar, de zelar, de cuidar e curar dentro da caridade e misericórdia. Fazem parte desta institucionalização a Regra, o Guia de Formação dos Irmãos e o Guia de Formação para a Missão. Neles se expressam formas de acompanhamento num sentido estreito e amplo do que isso significa.

11. Cultura de acompanhamento – voto de associação

Uma das compreensões do voto de associação inclui a cultura do acompanhamento. Todos somos responsáveis pelos que se associam a nós, e nós a eles. Todos queremos levar adiante um projeto a nós confiado por Deus, pela Igreja, na Instituição. Todo este zelo e cuidado de uns pelos outros na consecução deste projeto dá atenção especial aos mais frágeis e desprotegidos; sustenta a todos, mesmo aqueles que já fizeram um bom itinerário como pessoas consagradas para uma missão de Reino. Todos somos mutuamente responsáveis pela fidelidade e pelo crescimento no amor. Realizamos o projeto juntos, cada qual dentro de suas características e responsabilidades legitimamente diferenciadas. Em síntese, cada um se

compromete com os outros para levar à plenitude a obra de Deus a nós confiada.
Por isso falamos de cultura de acompanhamento.
